

# Conversão é consenso na CVM

SÃO PAULO — Há praticamente um consenso entre os dirigentes do mercado de capitais sobre a viabilidade, no atual momento, da conversão da dívida externa em capital de risco. Eles lembram, também, que já existe um mercado mundial para a conversão, citando as operações desse tipo realizadas, de uma maneira ou de outra, no Chile, nas Filipinas, na Argentina e no México. Para o Brasil também pode ser uma fórmula de se obter mais recursos externos.

Durante o seminário Política econômica e mercado de capitais, no painel Dívida externa x conversão, o presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Luís Octávio da Motta Veiga, destacou que a conversão trará importantes benefícios macroeconômicos. Ele citou, entre as alternativas de conversões, a transformação de empréstimos em quotas de sociedades ou fundos de investimento, que propiciaria a alocação de recursos em ações de empresas brasileiras cotadas em bolsas de valores.

Apoio de todos os lados — o ex-presidente da CVM e atual presidente da Brasilpar, Roberto Teixeira da Costa, alertou que o mercado internacional de capitais sofreu profundas mudanças nos últimos anos e, hoje, já é comum um país investir em papéis de outros mercados: “Um administrador de Nova Iorque investe com naturalidade em papéis de Singapura, enquanto outro de Londres aplica em papel queniano. Os mercados perdem suas próprias características para serem universais. Infelizmente, o Brasil não acompanha essa tendência. O Fundo Brasil, por exemplo, discute há um ano, para captar 100 milhões de dólares”.

Teixeira da Costa revelou que até mesmo o ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, já está convencido de que a conversão da dívida poderia servir de alavanca para novos recursos ao Brasil.

“Agora já temos também o apoio de alguém de fora do governo”, brincou o ex-presidente da CVM.

Também defensor da conversão da dívida em capital de risco, o presidente da Bolsa de Valores do Rio, Sérgio Barcelos, advertiu, no entanto, que “não virá um tostão a mais para o nosso país, se realmente a conversão ocorrer na proporção de um por um, ou seja, um dólar novo para cada dólar convertido”.

Presente ao seminário, o governador do Paraná, Álvaro Dias, do PMDB, disse que o Brasil não pode se dar ao luxo de rejeitar capital estrangeiro, “seja de risco e/ou de empréstimos, sob pena de não atingir a taxa de crescimento de 7% ao ano, ou só alcançá-la com complementares sacrifícios da população”. Álvaro Dias também defende a conversão da dívida externa em capital de risco. Ele lembrou que, nos próximos dias, irá à Itália, para buscar recursos para seu estado.

□ SÃO PAULO — As alternativas para a conversão da dívida externa brasileira em investimentos de risco no país voltaram ao debate durante almoço promovido pela Associação Nacional de Corretores (Ancor) que reuniu, em São Paulo, 50 empresários do setor.

A preocupação com os rumos que a discussão vem tomando na Assembleia Nacional Constituinte foi tema não apenas do presidente da Ancor, Fernando Rosa Carramaschi, mas também do convidado para falar durante o almoço, Eduardo Rocha Azevedo, presidente da Bolsa de Valores de São Paulo. Segundo Rocha Azevedo, a conversão da dívida é antes de tudo uma questão de decisão política.